

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENAÇÃO DA LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM
ESTUDOS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS**

CRISTIANO BENIGNO MACHADO

**A REVOLUÇÃO PELAS LETRAS E A JORNADA DE ALFABETIZAÇÃO NO
MARANHÃO**

Um mapeamento do “Sim, eu posso” e seus impactos sociais no combate ao analfabetismo.

**SÃO LUÍS-MA
2025**

CRISTIANO BENIGNO MACHADO

**A REVOLUÇÃO PELAS LETRAS E A JORNADA DE ALFABETIZAÇÃO NO
MARANHÃO**

Um mapeamento do “Sim, eu posso” e seus impactos sociais no combate ao analfabetismo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros na Universidade Federal do Maranhão Campus Dom Delgado, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros.

Orientador: Sávio José Dias Rodrigues

**SÃO LUÍS
2025**

Nesta página, verso da folha de rosto (folha anterior), deve ser colocada a Ficha catalográfica.

Por se tratar de uma folha de verso, a margem aplicada deve ser de 3 cm para as margens direita e superior e de 2 cm para as margens esquerda e inferior.

CRISTIANO BENIGNO MACHADO

A REVOLUÇÃO PELAS LETRAS E A JORNADA DE ALFABETIZAÇÃO NO
MARANHÃO

Um mapeamento do “Sim, eu posso” e seus impactos sociais no combate ao analfabetismo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Interdisciplinar em
Estudos Africanos e Afro-Brasileiros na
Universidade Federal do Maranhão Campus
Dom Delgado, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura em Estudos
Africanos e Afro-brasileiros.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sávio José Rodrigues - Orientador
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Rosenverck Estrela Santos
Universidade Federal do Maranhão

Profª. Drª. Zaira Sabry Azar
Universidade Federal do Maranhão

*Ao meu avô Bento e a minha avó Ana,
ao meu avô José e a minha avó
Martinha (In Memoriam). E a toda
minha família, que nunca me deixou
sonhar sozinho, minha mãe Lourdes,
meu Pai Demerval, meu Irmão
Joseano e meu Tio José do Egito.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus Guias, Orixás e Encantados, que me protegem e me trouxeram em paz até aqui. A eles, toda glória e louvor, para que, nesta terra chama Pindorama, seja feita justiça pelos mais de 500 anos que foram silenciados.

Agradeço à minha mãe, Lourdes; ao meu pai, Demerval; ao meu irmão, Joseano; e ao meu tio, José do Egito. Eles são meu núcleo familiar primário e viveram comigo cada pedaço dessa história. Sejam os momentos bons ou ruins, estiveram ao meu lado. Agradeço também à minha tia Jovelina, à minha tia Luzinete e ao Luís (esposo da minha tia), que, quando tomei a decisão de estudar Estudos Africanos, me apoiaram incondicionalmente.

Agradeço ao meu amigo, camarada e orientador, Sávio José Rodrigues, por sempre ter sido paciente e resiliente de uma forma única, serei sempre grato aos seus conselhos, suas histórias e nossos momentos de aprendizagem que foram sem dúvidas motivacionais pra mim.

Agradeço ao Grupo de Estudos e Pesquisas Território e Trabalho (GETTRAB) e a todos(as) os seus componentes, que vem desde a LIESAFRO à Geografia, com vocês foram dias muito importantes, em territórios e em eventos que contribuíram de forma significativa para minha formação durante a graduação.

Agradeço ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), em primeiro lugar, pelo acolhimento, pelo carinho, pelos companheiros de luta e pelos momentos de aprendizagem. Em segundo lugar — e não menos importante —, por ceder todos os materiais necessários para a publicação do artigo, com destaque para o setor de educação do Movimento. Agradeço ao Jonas Borges, militante do MST, amigo e companheiro combatente das linhas de frente, pelo acolhimento, pela confiança e por todos os momentos de luta que renovam nossas esperanças.

Agradeço aos Professores e Técnicos que contribuem com a Licenciatura de Estudos Africanos que compartilharam comigo aprendizagem intelectuais e ancestrais, sem dúvida a nossa Licenciatura é única e com certeza já é exemplo de política pública antirracista.

Aos amigos e companheiros da TURMA 2019 (MARCUS, ALEX, JOÃO LUCAS, JAQUI, BRUNA, LEO, MARGARETH, THIAGO, SHEILA, CIRLENE, WALBERT, GEAN, DAIANE, JÚLIA) aos amigos e companheirxs de outras turmas (KANTÉ, NOGUEIRA, FRANCINILSON, BISPO, LÍVIA, ELLEN E MATHEUS), aos amigos que São Luís me deu e que vão estar comigo a vida toda. Gostaria também de fazer um destaque a Assistência Estudantil da UFMA, mesmo não sendo ainda o ideal, contribuiu para a minha permanência e continuação na graduação quando fui em plena pandemia hospedado na Residência Estudantil da UFMA (REUFMA), que no futuro as políticas de permanência sejam eficientes. Aos amigos

e companheiros do Movimento Negro Estudantil, do Movimento Brasil Popular, ao Mãoz Solidárias, e a todos que dedicam seu tempo a lutar por dias melhores neste mundo.

“ (...) Pense no preço que é fazer alguém pensar
Num mundo onde botam um preço
na cabeça de quem pensa
Eu pensando em milhares e centenas
O sistema pensando na minha sentença
Botaram as drogas no meio dos Panteras
Baixa autoestima no meio das negras
Maldições em nós por várias eras
E hoje nós que somos bruxos, feiticeiras
Malcolm X, eu não tô bem com isso
Mataram Marielle e ninguém sabe o motivo
Na real todos sabemos o motivo
É o mesmo de nenhum dos meus heróis continuar vivo
E eles falam que nosso som incomoda
Mas o mundo, ele melhora (...)”
BK em ‘Movimento’ (2019)

Resumo

A Jornada de Alfabetização “Sim, eu posso”, no Maranhão, realizada em parceria entre o Governo do Estado e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), alcançou um público de jovens e adultos analfabetos nas cidades com os menores índices de Desenvolvimento Humano do estado. Esta política pública foi implementada a partir do Plano Mais IDH, com o objetivo de superar a extrema pobreza. O método cubano, aliado aos Círculos de Cultura Freireana, caracteriza um programa que deixou um legado significativo no estado e dentro do Movimento Sem Terra (MST), com suas primeiras experiências iniciadas ainda no início dos anos 2000 nos territórios do MST. Dividida em duas etapas, a Jornada de Alfabetização no Maranhão alfabetizou, somente na primeira etapa, mais de 7.000 pessoas. Além de aprender a ler e escrever, essas pessoas experimentaram impactos sociais que transformaram sua visão de mundo, abrindo novas oportunidades e perspectivas de vida. Neste contexto, este artigo tem como objetivo realizar um mapeamento da experiência da Jornada de Alfabetização “Sim, eu posso” no contexto maranhense e analisar as contribuições e impactos sociais da cooperação Sul-Sul entre Cuba e Brasil. Para a elaboração deste artigo, será feita uma revisão bibliográfica para aprofundamento teórico-metodológico, levantamento de dados junto a órgãos institucionais, pesquisas em revistas, sites e blogs, sobretudo, junto ao MST, que foi importante na sua implementação. Também fizemos entrevistas com interlocutores que atuaram no programa, desde professores(as), assim como estudantes e militantes do movimento.

Palavras-chave: “Sim, eu posso”, Alfabetização, Maranhão, Cuba.

Abstract

The Literacy Day “Yes, I Can” in Maranhão, carried out in partnership between the State Government and the Landless Workers’ Movement (MST), reached an audience of illiterate young people and adults in the cities with the lowest Human Development Indexes in the state. This public policy was implemented through the Mais IDH Plan, with the aim of overcoming extreme poverty. The Cuban method, combined with Freirean Culture Circles, characterizes a program that has left a significant legacy in the state and within the Landless Workers’ Movement (MST), with its first experiences beginning in the early 2000s in the MST territories. Divided into two stages, the Literacy Day in Maranhão taught more than 7,000 people to read and write in the first stage alone. In addition to learning to read and write, these people experienced social impacts that transformed their worldview, opening up new opportunities and perspectives in life. In this context, this article aims to map the experience of the Literacy Day “Yes, I Can” in the context of Maranhão and to analyze the contributions and social impacts of South-South cooperation between Cuba and Brazil. To prepare this article, a bibliographic review will be carried out to deepen theoretical and methodological knowledge, data collection from institutional bodies, research in magazines, websites and blogs, especially with the MST, which was important in its implementation. We also conducted interviews with interlocutors who worked on the program, including teachers, students and activists of the movement.

Keywords: “Yes, I Can”, Literacy, Maranhão, Cuba.

Sumário

1. **Erro! Marcador não definido.**
2. **Erro! Marcador não definido.**4
3. **Erro! Marcador não definido.**6
4. **Erro! Marcador não definido.**8
 - 4.1. **Erro! Marcador não definido.**8
 - 4.2. **Erro! Marcador não definido.**2
5. **Erro! Marcador não definido.**
6. **Erro! Marcador não definido.**

Referências Bibliográficas

26

Introdução

A Jornada de Alfabetização “Sim, eu posso”, no Maranhão, realizada em cooperação entre o Governo do Estado e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), alcançou um público de jovens e adultos analfabetos nas cidades com os menores índices de Desenvolvimento Humano do estado. Esta política foi implementada a partir do Plano Mais

IDH¹, com o objetivo de superar a extrema pobreza. O método cubano, aliado aos Círculos de Cultura Freireana, caracteriza um programa que deixou um legado significativo no estado e dentro do Movimento Sem Terra (MST), com suas primeiras experiências iniciadas ainda no início dos anos 2000 nos territórios organizados pelo MST. Dividida em duas etapas, a Jornada de Alfabetização no Maranhão alfabetizou, somente na primeira etapa, mais de 7.000 pessoas. Além de aprender a ler e escrever, essas pessoas experimentaram impactos sociais que transformaram sua visão de mundo, abrindo novas oportunidades e perspectivas de vida. De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, 19,31% de jovens e adultos maranhenses não sabiam ler e escrever. Esses dados mobilizaram a cooperação entre governo do Estado e o Movimento Sem Terra (MST) na implementação de políticas públicas para superação da extrema pobreza e do analfabetismo, através do método cubano de alfabetização.

O Programa Mais IDH era a inserção de políticas públicas em várias estruturas sociais, não somente na educação, mas, também, com outras garantias de direitos básicos, que iam de acesso a consultas médicas, emissão de documentos e até mesmo a distribuição de óculos para pessoas que não tinham condições de comprar. Foram selecionados 15 municípios, dos 30 que apresentavam os menores Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do estado. Assim, no ano de 2016 foi implementada a primeira etapa do Programa em 8 desses municípios, com a meta de enturmar 14.040 pessoas, com um total de mais de 700 profissionais envolvidos no projeto. Como resultado foram enturmadas mais de 9.000 pessoas, segundo Bernat et. al. (2019). A primeira fase da Jornada aconteceu entre 2016 e 2017, quando foram organizadas 628 turmas, com 9.492 educandos inscritos, tendo sido alfabetizados 7.119. Dentre os profissionais envolvidos 10.217 eram educadores/as, coordenadores/as de turmas e brigadistas distribuídos nos oito municípios, onde a Jornada aconteceu: Água Doce do Maranhão, Aldeias Altas, Governador Newton Bello, Itaipava do Grajaú, Jenipapo dos Vieiras, Santana do Maranhão, São João do Caru e São Raimundo do Doca Bezerra. Já na segunda fase os municípios que participaram da Jornada foram: Afonso Cunha, Água Doce do Maranhão, Aldeias Altas, Belágua, Governador Newton Bello, Itaipava do Grajaú, Jenipapo dos Vieiras, Lagoa Grande do Maranhão, Marajá do Sena, Milagres do Maranhão, Santa Filomena do Maranhão, Santana do Maranhão, São João do Carú, São Raimundo do Doca Bezerra e São Roberto; isto é, quinze dos trinta municípios inseridos no Plano Mais IDH (IMESC, 2016), reduzindo entre 24% e 94% Segundo Bernat et al (2019) o número de analfabetos nestes quinze municípios, onde 13.863 pessoas conquistaram o direito de ler e escrever. Além disso, as

atividades da Jornada de Alfabetização mobilizaram outras milhares de pessoas em atividades culturais, sociais, políticas e pedagógicas, espalhando suas ações formativas para o conjunto da população. Envolvendo atividades de diferentes profissionais, dentre os quais, coordenadores de turmas e educadores, além da população em geral dos municípios, que consta como beneficiária indireta da Jornada.

Neste contexto, este artigo tem como objetivo realizar um mapeamento da experiência da Jornada de Alfabetização “Sim, eu posso” no contexto maranhense e analisar as contribuições e impactos sociais da cooperação Sul-Sul entre Cuba e Brasil. O analfabetismo no estado Maranhense foi também um dos principais motivos para a implementação da Jornada num contexto em que no ano de 2010 a média estadual de analfabetismo era de 19,3%, ultrapassando a média nacional. A Jornada é um processo de parceria entre governo do Estado e o MST, e sem dúvida uma cooperação indireta internacional com o método cubano sendo utilizado na pedagogia do MST. O método cubano é uma herança da revolução que mudou o contexto social e econômico da ilha caribenha, ainda no século XX, e que no século atual continua se espalhando pelo mundo, chegando a alfabetizar milhões de pessoas, tendo casos emblemáticos, como a Venezuela que declarou seu território livre do analfabetismo. O Brasil apresenta um aspecto especial nesta relação, pois é o único país do mundo com língua portuguesa com o uso do método.

Para a elaboração deste artigo, foi feita uma revisão bibliográfica para aprofundamento teórico-metodológico, levantamento de dados junto a órgãos institucionais, pesquisas em revistas, sites e blogs, sobretudo, junto ao MST, que foi importante na implementação do Programa. Também fizemos entrevistas com os sujeitos do processo professores(as), assim como estudantes e militantes do Movimento. Assim, dividimos esse trabalho em três partes, na primeira fazemos uma breve configuração social do estado maranhense, marcado principalmente pela persistência do analfabetismo, em especial nas zonas rurais. Na segunda parte apresentamos o método cubano de alfabetização e o legado do método junto ao Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), como importante movimento social da América Latina no Brasil. Já na terceira parte é feita a análise da Jornada a partir da articulação entre suas etapas concluindo a descrição a partir das reflexões dos impactos sociais que a Jornada de Alfabetização deixou para o povo maranhense comprovando ser uma ferramenta para a diminuição das desigualdades e uma porta para oportunidades a partir da implementação de políticas públicas na educação.

É no sentido de entender sobre os impactos sociais da jornada que este artigo foi elaborado em um contexto de renovações do esperançar e de outros dias de glórias que nos perguntamos qual o papel da Jornada de Alfabetização no estado Maranhão para a superação do analfabetismo no Maranhão? Qual o caminho percorrido por educadores e educandos durante sua implementação? Quais os impactos sociais que a Jornada trouxe aos educandos/alfabetizandos?

O analfabetismo no Maranhão: letras, números e ruralidades de um estado que não aprendeu a ler.

A relação entre dominação e educação está marcada no estado do Maranhão, principalmente pela ausência de políticas públicas e a exploração de uma sociedade que lhe foi negada o direito de aprender a ler e escrever. Esta ausência de políticas públicas também evidencia a continuidade dos poderes da classe dominante sobre os (as) trabalhadores(as) a quem tem sido historicamente negadas as condições para as condições dignas de vida.

Segundo Bernat et al (2019), o analfabetismo persiste como um grave problema social no estado do Maranhão, com uma população que ultrapassa 7 milhões de habitantes em 2010 (IBGE), o estado detém um dos maiores índices de analfabetismo do país sendo um obstáculo significativo para o desenvolvimento social, impedindo o pleno exercício da cidadania. Dados do Censo de 2010 (IBGE) apontam que mais de 946 mil pessoas não sabem ler ou escrever, sendo a maioria dessa população concentrada nas áreas rurais, onde as condições de acesso à educação são ainda mais precárias. O Plano Mais IDH, segundo Bernat et al (2019), "busca reduzir a situação de extrema pobreza e de profundas desigualdades sociais nos trinta municípios que apresentam os menores índices de desenvolvimento humano do Maranhão, mediante atuações que fomentam o aumento nos padrões de saúde, renda e educação".

Implantado durante o governo de Flávio Dino, o Plano foi uma resposta às desigualdades sociais históricas que afligem o estado, com foco especial nas regiões mais pobres e vulneráveis. Entre suas principais ações visava aumentar a oferta de serviços essenciais como saúde, assistência social e, principalmente, educação, combatendo o analfabetismo que ainda atinge grande parte da população maranhense, sobretudo em áreas rurais.

A importância do Plano Mais IDH no combate ao analfabetismo é notável, pois, além de promover melhorias nas condições de vida dos municípios com o menor Índice de

Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)¹ do estado, ele estabeleceu políticas direcionadas à universalização da alfabetização. Por meio de iniciativas como a ampliação do acesso a escolas, programas de alfabetização para jovens e adultos e a qualificação de professores, o governo do Maranhão buscou reverter um cenário de exclusão educacional que, por décadas, limitou o desenvolvimento social e econômico do estado. O Plano, ao alavancar a educação como um pilar central, contribuiu para a redução das disparidades educacionais e abriu novas oportunidades para aqueles que anteriormente estavam à margem do sistema educacional.

No meio rural do Maranhão, a dinâmica social sempre foi profundamente marcada pela exploração e dominação. A elite local, em conjunto com grupos econômicos e políticos, impõe seus interesses por meio da violência e coerção, utilizando a força como ferramenta para garantir o controle sobre a terra e os recursos. Essa prática não só reforçou a desigualdade, como também consolidou um sistema em que as populações rurais foram submetidas à exclusão e à falta de oportunidades, perpetuando a concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos.

O desenvolvimentismo no Maranhão foi marcado por um modelo de crescimento econômico que priorizou os interesses das elites locais e do capital externo, negligenciando as necessidades das populações mais vulneráveis. Esse tipo de desenvolvimento reforçou a exclusão social, favorecendo a concentração de riqueza e o controle de recursos por grupos privilegiados. Exemplos claros desse modelo podem ser observados em marcos históricos e legais que beneficiaram diretamente esses interesses. Nesse contexto, "o desenvolvimentismo no Maranhão se caracterizou pela funcionalidade que prestou aos interesses das oligarquias locais e do capital nacional e internacional, e este modelo socialmente excludente teve seus ápices na Lei n. 2.979 de 1969 e no Programa Grande Carajás, a partir da década de 1980" (BERNAT, 2019).

Os impactos dessa política como a Lei n. 2.979 de 1969 na educação no meio rural foram profundos e negativos. A expulsão de famílias agricultoras e o consequente êxodo rural desestruturaram comunidades inteiras, o que afetou diretamente o acesso à educação. Com a migração forçada para áreas urbanas, dentre os muitos problemas, muitas crianças e jovens foram afastados de suas escolas rurais, comprometendo sua continuidade nos estudos. Além disso, a desarticulação das comunidades rurais provocou a precarização da infraestrutura educacional, com a redução do número de escolas e professores, agravando ainda mais o cenário de analfabetismo e exclusão educacional no estado.

O método cubano e o Movimento Sem Terra (MST)

Para Lima (2020) movimentos organizados como o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra (MST), na busca de construir uma nova realidade nas relações sociais, que não são as relações constantes do projeto do capital, tem feito mulheres e homens construírem também novas práticas de educação na escola. Dentro dos seus territórios, o MST construiu pontes e oportunidades para uma educação que libertasse mentes e pessoas do atraso causado pelo subdesenvolvimento do capitalismo em um país que a maioria da população analfabeta se encontra na zona rural.

Na busca pela emancipação dos seus territórios o Movimento Sem Terra, em cooperação com o poder público, vai estruturando suas ferramentas além das demarcações, mas levando consigo a pedagogia e o modus organizacional, formando brigadas e coordenações para implementação do programa que ganha status de política pública governamental a partir do já citado Plano Mais IDH. Segundo Bernat et al (2019) a clareza desses objetivos estratégicos fez com que o Movimento fosse beber na fonte das experiências históricas, assumindo a bandeira da educação desde a sua gênese, pois não há necessidade de profundas análises para se identificar que no Brasil houve uma negação histórica do direito à educação e que o país sempre buscou oferecer um conhecimento que fosse útil e conveniente à classe dominante. Se formou então a “Brigada Salete Moreno”, responsável pela cooperação com o Estado para a implementação da Jornada de Alfabetização: “Sim, eu posso!”. O nome da Brigada faz referência a Salete Moreno, militante que participou das jornadas de alfabetização dentro dos territórios Sem Terra ainda no início da segunda metade dos anos 2000.

O método adotado foi o "Yo, Sí Puedo", implementado por Cuba após a revolução de 1959, foi uma resposta urgente ao analfabetismo, com foco na alfabetização de jovens e adultos. Este programa foi desenvolvido sob a liderança da doutora Leonela Relys Díaz e tem como características principais a flexibilidade e a adaptabilidade a diferentes contextos sociais e culturais. A proposta inclui cartilhas que combinam letras e números, além de recursos audiovisuais, com o intuito de elevar a autoestima dos participantes e garantir um aprendizado significativo. O programa é estruturado em quatro etapas principais: a exploração, que envolve a análise das condições geográficas, econômicas e sociais da comunidade, além da mobilização da população local para a alfabetização; a experimentação, que se refere ao desenvolvimento de materiais didáticos e à formação de educadores, preparando-os para o processo de ensino; a

generalização, que abrange a avaliação dos projetos piloto, visando à ampliação das ações com base nas observações realizadas; e, por fim, a avaliação, que consiste na medição dos resultados alcançados e do impacto geral do programa. Essas etapas possibilitam um acompanhamento contínuo do aprendizado e asseguram a eficácia do método na luta contra o analfabetismo.

O Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST) adotou o método cubano "Yo, Sí Puedo" e implementou o projeto "Sim, Eu Posso" em assentamentos e acampamentos rurais, começando em 2015 na Bahia. De acordo com Baldo e Garcia (2021), o objetivo é reverter o alto índice de analfabetismo nas áreas de reforma agrária, oferecendo uma alternativa eficaz e adaptada às necessidades das comunidades.

O projeto se destaca pelos resultados positivos, evidenciados pela primeira experiência, na qual 98% dos participantes do assentamento Bela Manhã finalizaram o curso com sucesso. Em 2016, o programa foi expandido para o Maranhão, onde o índice de analfabetismo rural era alarmante, com 40,3% da população sem acesso à alfabetização. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) criou uma brigada nacional para formar educadores populares, com o objetivo de erradicar o analfabetismo em suas áreas de atuação. Apesar da interrupção das atividades devido à pandemia de COVID-19, mais de 50 mil pessoas foram alfabetizadas, evidenciando a relevância do Programa no contexto nacional.

Baldo e Garcia (2021) enfatizam que a implementação do "Sim, Eu Posso" não apenas promove a alfabetização, mas também fortalece a luta por direitos sociais e educacionais, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. A combinação do método cubano "Yo, Sí Puedo" com a prática do MST no Brasil ilustra uma abordagem inovadora e eficaz no combate ao analfabetismo. A flexibilidade do método e a capacidade de adaptação às realidades locais, juntamente com a mobilização comunitária do MST, são fundamentais para o sucesso dessa iniciativa. Assim, o projeto "Sim, Eu Posso" não apenas oferece uma solução educacional, mas também se insere em um contexto de luta social e transformação, reafirmando a educação como um direito inalienável. Essa experiência destaca a importância de metodologias que considerem as especificidades de cada região, promovendo não apenas a alfabetização, mas também o empoderamento social.

FIGURA 1: CARTILHA SIM, EU POSSO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL E CARTILHA DO EDUCANDO MST

Rompendo as cercas e o analfabetismo: A Jornada de Alfabetização “Sim, eu posso no maranhão.”

Mobilização e a formação pedagógica.

A Jornada de Alfabetização do Maranhão: Sim, Eu Posso! – Círculos de Cultura é uma iniciativa do Programa Escola Digna, parte do Plano Mais IDH, sob a gestão do então governador Flávio Dino. O Plano, conforme o decreto nº 30.612/2015, tem como objetivo superar a extrema pobreza e as desigualdades sociais, priorizando ações em saúde, educação e renda nos trinta municípios com menores Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). A Jornada foi uma ação focada na educação, desenvolvida em parceria entre a Secretaria de Educação, a Secretaria de Direitos Humanos e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Utilizando o método cubano de alfabetização "Sim, Eu Posso!" e os Círculos de Cultura do Método Freireano, o MST formou a Brigada Nacional de Alfabetização Salete Moreno, composta por voluntários de diversos estados.

O público-alvo incluiu jovens, adultos e idosos analfabetos de 15 municípios maranhenses, abrangendo milhares de pessoas mobilizadas entre 2016 e junho de 2018. Além da alfabetização, a Jornada promoveu a sociabilidade, o fortalecimento da cidadania e a construção da identidade comunitária. É o que aponta os documentos produzidos sobre as

Jornada, entre eles o Relatório Final da Segunda fase, sintetiza as atividades realizadas, os resultados alcançados e propõe reflexões sobre os desafios e as perspectivas para uma possível terceira fase da Jornada de Alfabetização.

De acordo com dados retirados dos relatórios e documentos produzidos e publicados de maneira geral, tanto na primeira fase, como na segunda fase da Jornada, os objetivos específicos segundo o Relatório Final incluem estimular a continuidade do processo de ensino-aprendizagem e a mobilização popular por meio do método "Sim, Eu Posso!" e dos Círculos de Cultura; e contribuir para a formação de parcerias que integrem os alunos egressos da Jornada nas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essas ações visam promover a inclusão social e fortalecer a educação nas comunidades atendidas. As metas previstas da Jornada de Alfabetização incluíram a organização de turmas, cada uma com um máximo de 15 educandos, e a mobilização de pessoas analfabetas. Além disso, a jornada previa o encaminhamento dos alfabetizados para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a seleção e capacitação continuada de coordenadores de turmas e educadores, com foco na execução do processo de alfabetização. Além disso, o acompanhamento político e pedagógico das atividades desenvolvidas, abrangendo desde a sala de aula até os plantões pedagógicos e ações de mobilização, foi essencial. A Jornada também se propôs a desenvolver atividades de caráter político, social e cultural para a mobilização comunitária e a estabelecer parcerias com aliados, poder público local e lideranças comunitárias, visando apoiar às diversas iniciativas da Jornada e atender a outros interesses da comunidade.

A mobilização da equipe pedagógica e dos educandos teve início com reuniões junto a lideranças locais, como representantes do poder público, associações, sindicatos e entidades religiosas, com o intuito de divulgar a Jornada de Alfabetização e solicitar apoio para o mapeamento e articulação de visitas às comunidades. As ações de divulgação foram intensificadas por meio de panfletagem, anúncios em carros de som e assembleias realizadas em escolas, associações e igrejas, visando mobilizar tanto candidatos a educadores e coordenadores quanto educandos interessados em participar das aulas. Durante esse período, também foram promovidos mutirões para matrícula, que contaram com a contribuição de educadores e coordenadores, que, conhecendo as comunidades, acompanharam a equipe de mobilização nas visitas às residências dos analfabetos identificados. Essa aproximação foi fundamental para construir credibilidade e confiança na Jornada, proporcionando à equipe uma experiência enriquecedora ao dialogar com os potenciais educandos, além de promover um melhor entendimento sobre a realidade local, seus problemas, cultura e peculiaridades. O

processo de seleção da equipe pedagógica foi conduzido pela Fundação Sousândrade, com o apoio logístico e mobilização da Brigada Salete Moreno, que se valeu de panfletagem, reuniões e anúncios em carros de som. Foi observado que a seleção não considerou a relação entre o local de lotação e a moradia dos educadores e coordenadores, o que atrasou o início das aulas, especialmente em povoados distantes. Importante também, a ser destacada, foi a necessidade de uma abordagem diferenciada para turmas indígenas, onde a anuência dos caciques se mostrou essencial, evidenciando a importância de adaptar os processos seletivos às especificidades culturais das comunidades atendidas.

A formação da equipe pedagógica sobre o método "Sim, Eu Posso!" ocorreu de maneira abrangente em todos os municípios envolvidos, reunindo um expressivo número de assessores que, em colaboração com as Coordenações Municipal e Estadual, conduziram as atividades. O foco das formações abrangeu os princípios teóricos e práticos do Sistema de Ensino Popular (SEP), enfatizando aspectos como planejamento, avaliação e questões gerais sobre a conjuntura política e educacional, além de conceitos de Educação Popular. O sucesso ESTE TERMO das formações foi considerado como resultado do empenho das equipes locais e parcerias, que organizaram as atividades com rigor, juntamente com a seriedade dos assessores que ministraram as capacitações, complementadas por assessoria artística que promoveu animação e enriquecimento cultural. No entanto, de acordo com o Relatório Final da Segunda Etapa alguns desafios surgiram em alguns municípios, como Itaipava do Grajaú, onde a quantidade de material pedagógico disponível foi insuficiente para atender todos os participantes, o que dificultou o processo formativo. Em localidades como Jenipapo dos Vieiras e Marajá do Sena, foram realizados dois ciclos de formação para acomodar a inclusão de novos educadores na Jornada.

FIGURA 2: INICIO DA JORNADA

MST abre Jornada de Alfabetização no Maranhão

O estado do Maranhão amarga um índice de analfabetismo de 19,31%. Somente os dados do campo, o percentual é de 40,3%, o mais alto do país. 72,2% destes têm menos de um ano de estudo.

Notícias

31 de maio de 2016

FONTE: SITE OFICIAL MST

FIGURA 3: INICIO DA SEGUNDA FASE

Começa segunda fase da Jornada de Alfabetização no Maranhão

Meta prevê a alfabetização de mais de 20 mil pessoas através do método cubano 'Sim, eu posso!'.
6 de junho de 2017

FONTE: SITE OFICIAL MST

O método cubano e os Círculos de Cultura

Após o processo de formação dos que estariam à frente da Jornada, o processo de alfabetização descrito foi implementado ao longo de quatro meses. Um ponto central desse processo foi a mobilização comunitária para o início das aulas, com eventos inaugurais realizados tanto nas sedes quanto em povoados, como aponta o Relatório Final da Segunda Fase. Esse engajamento comunitário foi fundamental para execução da Jornada de Alfabetização, refletindo a lição cubana de que o êxito da alfabetização em massa depende do envolvimento e convencimento das comunidades sobre sua importância. O método "Sim, Eu Posso!" visa introduzir os educandos ao mundo letrado de forma gradual e acessível, por meio de um sistema de associação de palavras integradoras a números. O processo promove o reconhecimento de sílabas e palavras, levando à formação de frases simples. Embora tenha havido resistência inicial por parte de alguns educadores quanto à aplicação da metodologia, essa resistência foi superada ao longo do tempo, tanto pelo suporte pedagógico fornecido nos plantões quanto pelos resultados positivos alcançados pelos educandos. Na segunda etapa após o término do ciclo, cerca de 70% dos educandos demonstraram progresso significativo, conseguindo redigir a carta proposta como instrumento final de avaliação, o que evidencia a eficácia do método, de acordo com o apresentado no Relatório Final da Segunda Fase da Jornada. Esse desempenho foi particularmente notório entre as turmas indígenas, que superaram as expectativas em regiões como Jenipapo dos Vieiras e Itaipava do Grajaú. O "Sim, Eu Posso!" revelou-se uma ferramenta eficaz de alfabetização inicial, mas que requer continuidade e refinamento para garantir o pleno desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos educandos.

A formação da equipe pedagógica voltada para os Círculos de Cultura enfrentou significativos desafios devido ao atraso no desembolso de recursos financeiros. Esse atraso prejudicou a execução plena da atividade em todos os municípios. Diante da urgência da formação, uma articulação entre a Coordenação Pedagógica da Brigada Salete Moreno e as coordenações municipais foi organizada para garantir condições mínimas para a realização da formação. Essa articulação contou com o apoio de parcerias locais e o esforço coletivo dos educadores e coordenadores de turmas, que, mesmo com dois meses de bolsas atrasadas, conseguiram organizar a formação de maneira considerada satisfatória. Em algumas regiões, como Itaipava do Grajaú, Jenipapo dos Vieiras e Santana do Maranhão, a formação ocorreu em polos de educadores, enquanto em outros municípios, como São João do Caru, foram realizadas pré-formações em fevereiro de 2018. Governador Newton Bello, enfrentando maiores dificuldades devido ao desânimo dos profissionais pela falta de pagamento, foi o

último município a completar a formação. A formação abordou temas relacionados à Educação Popular e ao desenvolvimento pedagógico nos Círculos de Cultura, seguindo os eixos temáticos propostos pela Brigada Salete Moreno para a fase de alfabetização: Trabalho, História, Cultura e Identidade, Terra e Território, Direito e Democracia.

O Processo de Alfabetização através dos Círculos de Cultura, foi baseado na metodologia de Paulo Freire e nas experiências anteriores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do método "Sim, Eu Posso!". Cada município escolheu um ou dois eixos a partir das reflexões sobre a realidade local, visando vincular as discussões à problemática vivida pelas comunidades. Os Círculos de Cultura buscavam não apenas aprimorar o processo de alfabetização iniciado com o método "Sim, Eu Posso!", mas também contribuir com a construção de uma consciência crítica sobre o trabalho, a vida e a realidade social, promovendo transformações pessoais e comunitárias. Entretanto, as dificuldades financeiras principalmente na Segunda Fase reduziram o tempo de desenvolvimento dos Círculos de quatro para dois meses em muitas localidades, o que comprometeu a profundidade da experiência em várias turmas, especialmente nas que começaram tarde, como em Belágua, Jenipapo dos Vieiras, Marajá do Sena e Milagres do Maranhão.

Com quantas letras se faz uma revolução e reflexões sobre os impactos sociais da Jornada de Alfabetização no Maranhão.

Este artigo surgiu principalmente da necessidade de refletir sobre os processos revolucionários do método cubano e sua importância para a educação popular no Brasil, olhando a intermediação que é feita pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e sua forma de organização e até mesmo um jeito diferente de fazer o método como os Círculos de Cultura ou método freiriano, podemos afirmar que a transformação coletiva do espaço social e individual é sem dúvida um dos maiores legados a ser deixado pela Jornada de Alfabetização, a diminuição do analfabetismo nos municípios é um exemplo deste legado, que também perpassam a educação e chegam em outros pontos com a saúde coletiva onde consultas oftalmológicas e distribuição de óculos como uma política pública, para que os alfabetizandos pudessem participar das aulas e sendo um incentivo a permanecerem. O resultado da Jornada com um saldo de 20.982 pessoas alfabetizadas, incluindo as duas fases, configura mudanças educacionais e estruturais com estas pessoas tendo acesso a políticas públicas que sem a Jornada era uma realidade distante.

Individualmente, as pessoas também tiveram acesso há um direito fundamental que ao longo dos anos lhe foram negadas pelo Estado. É um fato também que a luta pelo direito de estudar e ter uma vida digna, o prazer em ler e escrever e de ter aprendido tudo isso por muitos na terceira idade, depois de serem desencorajados e enfrentar barreiras estruturantes, superando a evasão e dando números à Jornada, são fatos que perpassam a individualidade de cada um envolvido no processo, para depois chegarmos aos objetivos coletivos. As pessoas aprenderam a ler e escrever, mas também foram imersas em sua própria cultura, uma aprendizagem a partir do próprio território, do convencimento, do cotidiano e de histórias que se inserem na superação.

Os círculos de culturas são resultados do encontro de dois métodos, o cubano e o freiriano, e é através dele que as convivências culturais são marcadas no processo de alfabetização, levando em conta elementos e sujeitos no papel principal de conduzir os círculos. A contribuição dos círculos culturais está também na esfera da discussão do território e da formação desses sujeitos enquanto responsáveis pela sua própria história, podemos ocasionar que nestes momentos culturais os sujeitos se voltam para dentro e do cotidiano para poder se reconhecerem e se firmarem enquanto sujeitos pertencentes àquele lugar. O papel de ensinar e aprender se invertem ou se misturam, mesclando uma fórmula de emancipação do próprio ser. Quem é o professor neste momento, são os momentos de troca de aprendizagem, o ato de ensinar é livre e sem amarras podendo levar o sujeito a construir sua identidade coletiva e individual. Relembrar os momentos de luta pela terra e o direito de estar nela com dignidade, lembrar dos processos que os levaram até ali, muitos vindos ou seus antepassados vinham de outros lugares à procura da tal vida digna.

A relação dialógica entre educadores (as) e educandos (as) significou um processo educativo de valorização de sujeitos, de suas histórias, valores, necessidades e desejos. Transforma o ato de educar numa guerra contra a negação e a subordinação dos saberes. Instrumentaliza as ações do tempo presente e as coloca em condições de transcendência (César; Araújo, 2019, p. 115).

A solidariedade internacional está presente em cada ato dos que saíram das suas casas para poder ensinar essas pessoas a ler e escrever, e poder também fazer os círculos de cultura, o que se compara ao feito dos cubanos quando criaram as brigadas de alfabetização momentos pós o triunfo armado da revolução, era preciso não somente libertá-los do imperialismo norte-americano mas também era necessário ensinar a se emanciparem enquanto sujeito de sua própria história. A Jornada de Alfabetização do Maranhão se torna uma experiência única

quando pela primeira vez tem em seus números, pessoas indígenas sendo alfabetizadas pelo método cubano, uma solidariedade entre povos e de movimentos sociais como os Sem Terra e Indígenas, que lutam pelo direito da reforma agrária e proteção dos seus territórios.

Considerações Finais

A partir dos elementos apresentados neste artigo, sendo eles a Organicidade e Capacidade de mobilização do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra, aliados ao método cubano que tem sua eficácia comprovada no Brasil e pelo mundo, além das características locais que durante a jornada são destrinchados pelos brigadistas, podemos afirmar a importância dos movimentos sociais pela universalização dos direitos e no combate às desigualdades.

No Maranhão, mesmo o analfabetismo sendo estruturalmente utilizado para manter pessoas e grupos políticos no poder durante anos, a Jornada de Alfabetização realizadas em duas etapas e chegando em Municípios com os menores Índices de Desenvolvimento Humanos, se mostrou capaz de ser uma ferramenta para a diminuição das desigualdades e uma porta para oportunidades e implementação de políticas públicas. Esta experiência abriu porta para tantas outras que estarão por vir e que através dela inspirações e conspirações sejam tramadas. Se a Revolução Cubana abalou o ocidente quando esta foi consumada enquanto uma Revolução Popular e apresentada como uma alternativa a sociedade capitalista daquele momento, a Jornada é, sem dúvida, parte desta revolução, obviamente como legado aos povos latinos-caribenhos, mas também alternativa a uma outra sociedade a ser construída, sem analfabetismo, sem fome e sem desigualdades sociais.

Referências:

BERNAT, Isaac Giribet; **LIMA**, Joaquim Bezerra; **GUEDES**, Lizandra & Pereira; **PEREIRA**, Simone Silva. **Jornada de Alfabetização do Maranhão: Mobilização Popular, Cultura e Emancipação**. São Luís: Eduema, 2019.

LIMA, Joaquim Bezera. A Pedagogia do MST na Jornada de Alfabetização do Maranhão: os elementos e as contribuições para uma educação emancipatória no município de Governador Newton Bello/ Joaquim Bezerra Lima. – São Paulo, 2020. 187 f. :il. ; 30 cm.

Baldo, Ana Maria ; GARCIA, Elisete Enir Bernardi . SIM, EU POSSO: A CAMINHADA DO MST RUMO À ERRADICAÇÃO DO ANALFABETISMO EM ÁREAS DA REFORMA AGRÁRIA. TRABALHO NECESSÁRIO , v. V.19, p. 312-330, 2021.

BERNAT, I. G. . Maranhão e o desafio da alfabetização. In: Isaac Giribet Bernat; Joaquim Bezerra;Lima, Lizandra Guedes; Simone Silva Pereira. (Org.). **JORNADA DE ALFABETIZAÇÃO DO MARANHÃO: MOBILIZAÇÃO POPULAR, CULTURA E EMANCIPAÇÃO.** 1ed.São Luís: Editora UEMA, 2019, v. , p. 30-47.

César, Maria Raimunda ; ARAÚJO, J. I. A. . UM ENCONTRO NA HISTÓRIA DE EMANCIPAÇÃO: SIM, EU POSSO! E CÍRCULOS DE CULTURA. In: ISAAC GIRIBET BERNAT; JOAQUIM BEZERRA LIMA; LIZANDRA GUEDES; SIMONE SILVA PEREIRA. (Org.). **Jornada de Alfabetização do Maranhão:** Mobilização Popular, Cultura e Emancipaçāo. 1ed.São Luís: EDUEMA, 2019, v. 1, p. 07-138.

Poroloniczak, Juliana Aparecida. HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DO MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO CUBANO “Yo, sí puedo” / Juliana Aparecida Poroloniczak — 2019 146 f.

RELATÓRIO FINAL: JORNADA DE ALFABETIZAÇÃO NO MARANHÃO "SIM, EU POSSO" - CÍRCULO DE CULTURA - SEGUNDA FASE - FUNDAÇÃO SOUSÂNDRADE DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DO MARANHÃO. CONTRATO N° 019/2017/SEDUC/FSADU (2018)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico. 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 18 set. 2017.